

FIC de Fundos de Investimento Multimercado Petros Moderado

OBJETIVO

Obter a mesma rentabilidade da taxa de juros do mercado interbancário.

POLÍTICA DE INVESTIMENTOS

Comprar papéis públicos federais pré e pós-fixados e CDB's no limite de 25% do Patrimônio Líquido do fundo.

COMENTÁRIOS

O FIC de Fundos de Investimento Multimercado Petros Moderado aplica em fundos exclusivos discricionários, cujos gestores e respectivas performances estão descritas abaixo:

DADOS DO FUNDO EM 31/10/2011

Administrador	BEM DTVM (Grupo Bradesco)
Custódia e Controladoria	Banco Bradesco S.A.
Classificação ANBID	FIC de FIM
Taxa de Administração	Não tem
Taxa de Performance	Não tem
Valor da Cota	R\$ 4,3897977700
Patrimônio Líquido Atual	R\$ 4.473.802.813,42
Aplicação ASTCERJ *	R\$ 649.269,42
Índice de Benchmark	Selic

* Valor aplicado em Renda Fixa / Valores brutos

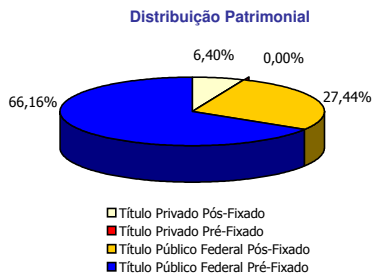
RENTABILIDADE DO FUNDO

Em 2011, o FIC de FIM Petros Moderado obteve uma rentabilidade de 10,50%, que representou 108,78% do CDI do mesmo período.

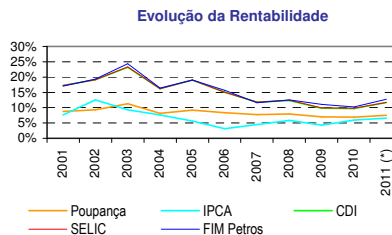
PERFIL RISCO X RETORNO

Período	Retorno (% CDI)
Último Mês	101,09%
Últimos 3 meses	121,22%
Últimos 6 meses	111,36%
Mediana dos Retornos	103,93%
Desvio Padrão	0,030274%
VAR (Value at Risk)	0,038767%
Intervalo de Confiança	95,00%

COMPOSIÇÃO DO FIC DE FIM PETROS MODERADO



RENTABILIDADE ACUMULADA X INDICADORES



Fonte: Econômica / Petros - Outubro/2011

(*) Projeção para 12 meses

OBSERVAÇÕES

Em outubro de 2004 foi feita a transferência da administração dos recursos (realizada pela BB DTVM desde dezembro de 2003) para o Bradesco BBI S.A (Grupo Bradesco), e da custódia dos títulos (antes realizada pelo Banco Itaú S.A) para o Banco Bradesco S.A.

CENÁRIO MACROECONÔMICO

Os líderes europeus chegaram a um novo acordo quanto às medidas necessárias para restabelecer a estabilidade financeira na Zona do Euro. O plano anunciado no dia 26 de outubro inclui medidas como (i) uma nova ajuda financeira à Grécia (130 bilhões de euros) com alívio de 50% na dívida grega nas mãos do setor privado (reestruturação), (ii) a recapitalização dos bancos europeus e (iii) o aumento da capacidade de empréstimo do Fundo Europeu de Estabilidade Financeira (EFSF) através de alavancagem. Apesar dos esforços, o novo plano não foi capaz de restabelecer a confiança dos investidores. Faltaram detalhes e restaram dúvidas. De onde virão os recursos para a alavancagem do EFSF? Qual será a fonte de capitalização do sistema bancário? Uma reestruturação de 50% da dívida grega é de fato um alívio? Sendo assim, a crise na Zona do Euro continuou se intensificando e as perspectivas para a Europa são agora agravadas pelas crises na Itália e na Espanha. A crise que prevalece na Itália é obviamente muito mais preocupante. Dado que a União Europeia não possui condições financeiras de "salvar" a Itália e pelo fato do Banco Central Europeu (BCE) poder sustentar o mercado de títulos Italianos apenas transitoriamente, o país terá que sair da crise por suas próprias pernas, algo especialmente difícil diante de uma situação econômica desfavorável. Por conta disso, acreditamos que, embora a Itália possua condições de vencer o desafio de reverter a expansão do endividamento público, a travessia dos próximos meses será difícil e turbulenta, notadamente por que o país está entrando em recessão, o que exigirá esforços fiscais redobrados em meio ao aumento do desemprego e da insatisfação popular. E no caso da Itália, a incapacidade da União Europeia de salvar o país, faz com que até mesmo "leves" incertezas em relação à sustentabilidade da dívida pública do país possam ter forte impacto nos mercados. Nos EUA, o temor de recessão iminente foi afastado e o cenário voltou a apontar para crescimento, mesmo que lento. Aparentemente, a significativa queda da confiança dos agentes econômicos dá sinais de recuperação assim como os dados do mercado de trabalho. No entanto é preciso considerar que a melhora recente do ambiente econômico não garante a diminuição dos riscos políticos para os próximos meses. As perspectivas seguem apontando para um quadro de polarização política que por sua vez deve constituir um entrave à novos estímulos econômicos. Por fim, na China os preços dão sinais de arrefecimento, o que deverá contribuir para que o governo e o Banco Central Chinês flexibilizem as políticas de combate à inflação dando espaço para políticas de suporte ao crescimento.

No cenário doméstico, os dados seguem apontando para a intensificação do processo de desaceleração da atividade no 3º trimestre com destaque para a produção industrial de setembro que aprofundou sua tendência recente de queda, contraindo 2,0% na margem após uma queda de 0,1% em agosto. Na comparação trimestral, a produção industrial no terceiro trimestre ficou negativa em -0,8% e no acumulado em 12 meses, a expansão industrial recuou (pelo décimo mês consecutivo) de 2,3% para 1,6% após atingir o pico de 11,8% em setembro de 2010. Parte relevante do recuo da produção continua a ser causada pela competição com as importações. Porém, outra parte está relacionada à queda da demanda tanto de consumo, sobretudo de bens duráveis, quanto dos investimentos. O fraco desempenho das categorias de bens de capital e bens duráveis em setembro corroboram esta visão. As principais quedas no mês foram registradas nas categorias de bens de capital (-5,50%, superando contenção dos projetos de investimento e expansão produtiva) e bens duráveis (-9,0%), tendo esta última queda liderada pelo setor de veículos automotores, com queda expressiva de 11%.

O consumo, por sua vez, mostra os primeiros sinais de fraqueza, como a queda de 0,4% m/m em agosto registrada pelas vendas no varejo no conceito restrito contra alta de 1,2% em julho. Foi o pior resultado desde abril (-0,2%), mas apenas a segunda queda dos últimos 16 meses. Apesar da queda no mês, a média móvel de 3 meses manteve crescimento praticamente estável de 1,4% ante 1,5% no mês anterior. Na base anual, o crescimento desacelerou de 7,1% em julho para 6,2% em agosto, e é o mais baixo dos últimos 4 meses. Um dos principais impactos negativos ocorreu em artigos do vestuário que contraíram 2,8% m/m após um resultado similamente fraco no mês anterior (3,4%). Outras contribuições negativas vieram de hipermercados (-0,3%) que correspondem a 28% do índice, móveis e eletrodomésticos (-0,4%), artigos farmacêuticos (-0,3%) e outros artigos de uso pessoal (-0,1%). As únicas contribuições positivas vieram de livros, jornais, revistas e papeleria (+1,6%) e de equipamentos de informática e comunicação que cresceram +7,3% num movimento claro de reversão da queda do mês anterior (-12,4%). No conceito ampliado, que inclui as atividades mais sensíveis a crédito como veículos e materiais de construção, as vendas

INDICADORES ECONÔMICOS

Indicadores	2010	cenário Petros 2011	Focus *
PIB (%)	7,50	3,60	3,30
Balança Comercial (US\$ Bilhões)	20,30	27,00	27,00
Conta Corrente (US\$ Bilhões)	-47,50	-55,00	-55,00
Investimento Estrangeiro Direto (US\$ Bilhões)	48,50	60,00	60,00
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	40,40	38,50	38,90
Taxa de Câmbio Fim do Período (R\$/US\$)	1,66	1,75	1,75
Taxa Over Selic Fim do Período (% a.a)	10,75	11,00	11,00
IPCA (% a.a)	5,90	6,46	6,50
IGP-M (%a.a)	11,30	5,80	5,80

Fonte Relatório de Mercado - Banco Central (31/10/2011) * Projeção mediana do mercado

INDICADORES FINANCEIROS

Período	FIM Petros Moderado	Poupança	CDI	SELIC	IPCA	Meta Atuarial (IPCA+6%)
2000	17,77%	8,24%	17,32%	17,43%	5,97%	12,33%
2001	17,51%	8,59%	17,27%	17,32%	7,66%	14,12%
2002	19,38%	9,14%	19,11%	19,17%	12,51%	19,26%
2003	24,32%	11,26%	23,26%	23,35%	9,30%	15,86%
2004	16,39%	8,20%	16,17%	16,25%	7,60%	14,06%
2005	19,06%	9,21%	19,00%	19,05%	5,69%	12,03%
2006	15,71%	8,32%	15,03%	15,08%	3,14%	9,33%
2007	11,59%	7,71%	11,82%	11,86%	4,46%	10,72%
2008	12,57%	7,90%	12,38%	12,48%	5,90%	12,26%
2009	11,11%	7,05%	9,88%	9,93%	4,31%	10,57%
2010	10,30%	6,90%	9,75%	9,78%	5,91%	12,26%
jan/11	0,90%	0,57%	0,86%	0,86%	0,83%	1,32%
fev/11	0,82%	0,60%	0,84%	0,84%	0,80%	1,29%
mar/11	1,01%	0,62%	0,92%	0,92%	0,79%	1,28%
abr/11	0,87%	0,54%	0,84%	0,84%	0,77%	1,26%
mai/11	1,03%	0,66%	0,99%	0,99%	0,47%	0,96%
jun/11	0,91%	0,61%	0,95%	0,96%	0,15%	0,64%
jul/11	1,01%	0,62%	0,97%	0,97%	0,16%	0,65%
ago/11	1,51%	0,71%	1,07%	1,07%	0,37%	0,86%
set/11	1,10%	0,60%	0,94%	0,94%	0,53%	1,02%
out/11	0,89%	0,56%	0,88%	0,88%	0,43%	0,92%
nov/11	0,00%	0,00%	0,00%	0		